

## ORLANDO RIBEIRO

Jorge Gaspar<sup>1</sup>

Orlando Ribeiro, o Primeiro Mestre da Geografia Portuguesa, um dos grandes mestres da Geografia do século XX, um dos sábios de que Portugal se pode orgulhar, deixou-nos em 1997.

Orlando Ribeiro formou várias gerações de geógrafos portugueses e influenciou muitos outros cientistas e intelectuais dos mais diversos domínios do saber. E neste final de século e de milénio a sua obra continua a iluminar os espíritos de todos aqueles que buscam o entendimento do facto histórico, geográfico e político que é este Portugal, “cabeça da Europa”, no cruzamento das influências mediterrâneas e atlânticas, conceito para sempre enunciado pelo Mestre e que adquiriu agora a máxima acuidade, enquanto tema de reflexão necessária.

### UM HOMEM DA TERRA E DO ESPÍRITO – UM HOMEM ABERTO AO MUNDO

Orlando Ribeiro, quer enquanto cientista e humanista, quer enquanto Homem, vivia de forma superlativa tudo o que relevava dos problemas do Planeta – do clima às fomes, das catástrofes físicas às manifestações urbanísticas.

São igualmente profundos e palpantes de entusiasmo, os estudos sobre a Ilha do Fogo ou a erupção do vulcão dos Capelinhos, como o “passeio” do olhar e da alma pelos canais e ruas de Veneza. Há a mesma empatia nas penetrantes análises, físicas e humanas, da Ilha da Madeira ou do Pastoreio na Serra da Estrela.

### UM HOMEM ABERTO AO MUNDO

O Cosmos, o Planeta, os Continentes, os Lugares, tudo na plenitude da materialidade e da espiritualidade constituíram espaços de navegação para Orlando Ribeiro.

Se a Geografia constituía a síntese e o modelo de articulação do conhecimento – feita de experiência vivida – os outros domínios das Ciências, das Artes, não eram menos visitadas e praticadas.

---

<sup>1</sup> Director do Centro de Estudos Geográficos. Professor Catedrático de Geografia da Universidade de Lisboa. Centro de Estudos Geográficos. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1699 Lisboa Codex; Tel.: (351-1) 794 02 18; Fax: (351-1) 793 86 90.

Humanista na sua essência, Orlando Ribeiro sempre se reclamou da sua Geografia, enquanto Ciência da Terra, dos domínios geológicos aos atmosféricos, nas suas incidências zonais, regionais e locais. Por isso a Geografia Humana para ser entendida em toda a sua profundidade não podia prescindir daqueles conhecimentos científicos, além de ter que enquadrar o Homem e a sua acção – a civilização e a cultura – nas dimensões da História e da Antropologia.

É pois natural que Orlando Ribeiro tenha praticado a Geografia apoiado neste quadrado – Geologia, Climatologia, Antropologia e História – que lhe proporcionava a um tempo segurança e aberturas para as suas teses e hipóteses de trabalho.

Também não admira que Orlando Ribeiro tenha encontrado interlocutores e feito discípulos nesses domínios, muitos dos quais se aproximariam da Geografia: Carlos Teixeira, Jorge Dias, Manuel Viegas Guerreiro, Pinto Peixoto, Virgínia Rau, para citar apenas alguns nomes nacionais e da mesma Universidade.

Do lado das Humanidades e das Ciências da Literatura e da Linguagem, não são menos importantes as influências e as interações. Orlando Ribeiro era um incansável leitor de romance e poesia. As etimologias e a Linguística Histórica entusiasmasvavam-no, ao ponto de não só procurar o diálogo, nos mestres e nos condiscípulos, de David Lopes e Leite de Vasconcelos a Lidley Cintra, como a desenvolver pesquisas nesses domínios; mas talvez a faceta mais reveladora dessa paixão residisse na propensão para o humor, a “anedota” toponímica da etimologia vinha sempre a propósito, muitas vezes revelando descuidos de estudiosos mais apressados com excesso de imaginação e carência de fundamentação.

E, naturalmente, em momentos de euforia ou de depressão e, ainda mais, de reflexão e contemplação, o espírito e a mão inclinavam-se às belas letras de que chegou a publicar algumas peças.

#### UM LISBOETA

Orlando Ribeiro além de amante das cidades, tinha por Lisboa uma especial empatia – foi de resto o primeiro território que descobriu, desde criança, e ainda muito jovem, em bem delineadas explorações na companhia do seu amigo e companheiro de andanças olisiponenses, Juvenal Esteves, que viria a ser outro ilustre professor na mesma Universidade, Catedrático da Faculdade de Medicina.

Para Orlando Ribeiro, Lisboa era um organismo vivo, multifacetado e com uma história longa, que permitia melhor dilucidar o presente. Por isso, o seu ponto de partida era o *oppidum* do Castelo, para em “cortes” sucessivos se prolongar para fora de portas, até à Lisboa Saloia que tão bem conhecia e amava, ou para Sul, viajando nos cacilheiros e nas camionetas dos “Belos”, até Azeitão e à Arrábida, um outro limite de Lisboa, e seu primeiro grande domínio de pesquisa de Geografia Regional, tema da dissertação de doutoramento pela Universidade de Lisboa.

Da Arrábida a Sintra, que escolheria como quadro paisagístico do quotidiano a partir dos anos 60, estende-se a *Terra Lisbonense*, ponto de partida e de chegada para tantas aventuras geográficas e que Orlando Ribeiro vivificava no exercício de um

magistério que nunca prescindiu de um laboratório vivo. Dos pormenores da Rua da Escola Politécnica, tão evocadora – da Faculdade de Ciências, aos lojistas com quem foi convivendo ao longo de dezenas de anos – aos foreiros do Centro do País que vieram povoar as charnecas e brejos do Pinhal Novo, Orlando Ribeiro recolhia ensinamentos, integrava factos geográficos, criava uma ordem racional para estas paisagens diversas e milenares. Mas o local mágico, o “altar” da exposição em que sintetizava a paisagem – física e humana – e o seu fluir, do tempo geológico à contemporaneidade, era a Ponta da Aguieira, uma extremidade da costeira que marca o limite “natural” de Lisboa a Norte.

#### UM UNIVERSITÁRIO, UM ACADÉMICO



Orlando Ribeiro viveu uma vida devotada à Universidade, a partir da sua *Universitas Olisiponensis*. Mas o seu mundo Universitário e Académico não era definido pelos limites estreitos das instituições. Muito ilustre confrade das Academias de Ciências de Bordéus, Lisboa e Madrid, membro da Accademia Nazionale del Linzli, de Roma, Orlando Ribeiro era ainda doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Bordéus, Coimbra, Complutense de Madrid, Rio de Janeiro e Sorbonne.

À universidade portuguesa dedicou um continuado trabalho pedagógico e científico, mas também de análise e avaliação. Os trabalhos que publicou sobre este último aspecto reflectem uma realidade em que os problemas se foram acumulando e para os quais aponta soluções, sugere caminhos, com serenidade, sem grandes ilusões – Orlando Ribeiro tinha muitas dúvidas sobre a capacidade de abertura e de inovação das universidades.

Nunca revelou ambições por lugares de direcção ou de representação, para além da forma firme, entusiástica e devota, como “construiu dirigindo” o Centro de Estudos Geográficos. Uma breve passagem pela direcção da Faculdade de Letras confirmou o que já de há muito sabia sobre a quase (?) impossibilidade de se reformarem as instituições universitárias. No entanto, até ao fim da vida, esteve sempre atento e actuante ao que se passava na Universidade e disso nos deixou um conjunto de reflexões a que importa sempre voltar.

#### A GEOGRAFIA COMO SÍNTESE – UMA OBRA NOTÁVEL

Sem se preocupar muito com os modismos das interdisciplinaridades, Orlando Ribeiro viveu e transmitiu a Geografia como uma encruzilhada de Ciências e de Saberes.

Tanto na sua prática de investigador “a tempo inteiro”, como de professor de vocação e destino de vida, Orlando Ribeiro foi um geógrafo da síntese, da integração de Saberes que origina novo conhecimento. Herança notável a que nos deixou e que não se pode resumir nas dezenas de livros, que continuam a publicar-se em novas edições, e nas centenas de artigos, dispersos por revistas de variados países, línguas e domínios científicos e artísticos; a sua herança reside também nas lições que se multiplicaram, tanto na aplicação que os seus discípulos delas fizeram, com na apropriação fecunda que o País tem feito. A maneira como todos nós hoje vemos Portugal, as representações do território e das suas gentes, devem muito às interpretações que Orlando Ribeiro nos transmitiu e que continuam a satisfazer o nosso espírito.